

RELATO DE EXPERIÊNCIAS COM O GRUPO DE IMPROVISAZÃO LIVRE

Raphael Duarte Alves Augusto¹, Acácio Piedade²

1 Acadêmico do Curso de Licenciatura em Música – CEART - bolsista PROBIC/UDESC

2 Orientador, Departamento de Música - CEART – acaciopiedade@gmail.com.

Palavras-chave: Livre Improvisação.

Objetivo: Participar do grupo de improvisação livre

Metodologia: Prática da improvisação livre

Resultados:

No semestre anterior trabalhamos com a análise da peça Fascination de Acácio Piedade, que teve como objetivo a produção de um artigo. Neste semestre, com aquele trabalho em vias de finalização, participei de alguns dos encontros do grupo de improvisação livre reunido pelo professor Acácio, onde começamos a estabelecer alguns roteiros para o improviso coletivo. Na verdade, participei apenas dos primeiros três encontros, nos quais se iniciou o contato entre os músicos. Entre os instrumentos utilizados pelo grupo incluíam-se pianos, violoncelos e violão, e posteriormente agregamos a dança contemporânea e a poesia, com o auxílio de outros participantes que foram se incluindo à partir do terceiro encontro.

Inicialmente, no primeiro encontro, realizamos uma improvisação livre a partir de certas ideias básicas que norteavam a prática, como por exemplo a figura do “Big Bang”. As figuras funcionavam como imagens do que deveria ser o processo sonoro do grupo – poderíamos tentar reproduzir aquelas imagens usando nossos instrumentos. Por fim, essas figuras, que eram realizadas por alguns poucos minutos, funcionavam como uma espécie de “partitura” que o grupo deveria seguir. Pois então, a partir dessa figura, a do “Big Bang”, devíamos improvisar de modo coerente, perfazendo e descrevendo musicalmente o que ela indicava verbalmente. Testamos também outras figuras que nos foram sugeridas pelo professor Acácio, como a “implosão” ou “ostinatos”, além de outros modos de finalização da peça (como o “fade out” por exemplo, ou o encontro de todos em uma mesma pulsação). Em seguida realizávamos um roteiro maior usando uma sequência desses gestos ou figuras, por exemplo, “implosão” – “Big Bang” – “ostinatos” – “implosão”, entre outras sequências diversas (essas eram como as partituras que eu mencionei acima, roteiros que ajudavam a estruturar o processo sonoro criativo do grupo). Os resultados foram gravados e o grupo teve a oportunidade de ouvi-los antes do próximo encontro, para pensar a respeito e melhorar o que poderia ser melhorado na performance. Nas audições foi possível perceber vários pontos que poderiam ser otimizados na performance coletiva, e no senso de integração do grupo. Também lemos alguns artigos sobre Livre Improvisação de Rogério Costa, e particularmente eu tive a oportunidade de me aprofundar nas leituras sobre o tema, já que era do

meu interesse pessoal produzir um TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) com a temática da improvisação, e estes artigos foram muito úteis neste sentido.

Nos encontros seguintes recebemos apontamentos do professor Acácio Piedade no sentido de melhorar a performance, e a integração sonora do todo. Esses apontamentos focavam em preparar nossa audição para o processo da improvisação coletiva. Era sumamente importante ir abrindo espaço para o outro músico-colega, tocando aquilo que fosse, simplesmente, necessário a cada momento, sabendo se colocar na performance sem precisar ficar tocando o tempo todo e preenchendo todos os espaços sonoros. Devíamos aprender a tocar juntos como um coletivo, aprendendo nesse caminho qual era o processo específico do outro, e dos outros colegas em geral – realizando encaixes e desencaixes conforme se percebia necessário.

Por fim a experiência, apesar de relativamente breve, foi muito enriquecedora musicalmente, potencializando minha capacidade prática de improvisação em um contexto que me era desconhecido antes de ingressar no grupo.